

Uma leitura da Economia Solidária a partir da perspectiva de “Furo” na Estrutura

Fernanda Antunes de Oliveria (UFMG) - fernandaa.oliveira18@gmail.com

Clarice Viana Avelar (UFMG) - clariceavelar92@gmail.com

Resumo:

A partir das teorias de Pêcheux e Althusser e de uma abordagem teórico-empírica a proposta deste trabalho foi de realizar uma análise sobre a economia solidária com o objetivo de compreender melhor as suas práticas enquanto movimento de resistência anticapitalista e, dessa forma, enxergando-a como um furo na estrutura. Nesse sentido, pontuou-se brevemente a respeito do histórico do cooperativismo popular, posteriormente sobre os conceitos de resistência e organizações para se chegar as teorias de Pêcheux e Althusser que discorrem sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado(AIEs) e Aparelho Repressivo de Estado, além de mencionar que é nessa estrutura que as classes dominadas encontram meios e possibilidade de lutar contra o sistema capitalista, e também das práticas de economia solidária, como um meio encontrado para compor a luta anticapitalista. Por fim, compreender a economia solidária enquanto furo na estrutura significou assumir também as contradições sofridas pelos empreendimentos que propagam racionalidades substantivas contrárias as racionalidades instrumentais presentes na lógica capitalista.

Palavras-chave: *Economia Solidária, furo na estrutura e resistência.*

Área temática: *GT-21 Organizações Alternativas e Contra Hegemônicas*

INTRODUÇÃO

Dentro de um contexto no qual existe uma ideologia dominante que naturaliza a construção histórica de um sistema, pontuaremos estudos sobre uma das formas de resistência e analisaremos a partir das teorias de Pêcheux e Althusser.

A princípio, fez-se um breve histórico do cooperativismo popular que culminou, também, nas práticas da economia solidária, ressaltando sobre suas raízes e sua construção histórica como processo de luta e resistência contra o capitalismo. A partir disso, discorre-se acerca das teorias de Althusser, mais especificamente, a respeito dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) e sobre a fundamentação da reprodução/transformação das relações de produção, discorridas por Pêcheux. .

Nesse contexto, observa-se como as práticas da economia solidária, em maior e menor âmbito, apresentam-se contrárias a ideologia dominante, com argumentos e discursos que divergem da mesma.

Para discorrer sobre essas teorias e análises será pontuado o objetivo e utilizada uma metodologia teórico-empírica, que segue no próximo tópico.

Objetivos e seu alinhamento com a metodologia

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois seu objetivo foi de fazer, através de uma pesquisa bibliográfica, uma leitura da economia solidária enquanto um furo na estrutura a partir das teorias de Pêcheux e Althusser. Para Gil (2007) é característico da pesquisa bibliográfica que ela analise posições a cerca de um problema, neste caso a economia solidária esta sendo analisada a partir da perspectiva de resistência contra-hegemônica.

Para se atingir o objetivo o artigo contou com uma abordagem teórico-empírica, na qual os dados secundários foram obtidos através de artigos acadêmicos que trouxeram casos de resistência a racionalidade econômica dominante e que foram analisados com base na leitura da economia solidária enquanto furo na estrutura. Para Demo (2000) ainda que, neste tipo de pesquisa, o significado dos dados empíricos apresentados dependam do referencial teórico, eles conseguem agregar impacto de forma pertinente ao possibilitarem maior aproximação prática da teoria.

Resgate histórico do cooperativismo popular

O cooperativismo revolucionário foi idealizado, a princípio, pelos socialistas utópicos, assim intitulados por Karl Marx, segundo Buber (apud LECHAT, 2002), esses idealizadores lutavam pela máxima autonomia comunitária possível, no meio de uma reestruturação da sociedade. Segundo Lévesque, Malo e Girard (apud LECHAT, 2002), houve um movimento na Europa e nos EUA no século XIX, onde várias aldeias ou

comunidades cooperativas foram criadas com a liderança do movimento sindical inglês, porém foram extintas pela feroz reação da classe patronal e pela explícita forma hostil com que o governo se posicionava, ainda ressalta que a economia solidária se manifesta em cachos nos períodos de crise econômica.

Segundo Oliveira e Delgado (2011) os sindicatos rompem com as cooperativas, pois afirmam que elas seguem uma vertente reformista, no entanto com a pobreza e miséria causadas, principalmente, pelo capitalismo globalizado, novas formas de organização surgem dos movimentos sindicais e sociais que forçaram a retomada da discussão a respeito do cooperativismo como alternativa a essas mazelas, assim o debate sobre cooperativismo e transformação social foi retomado neste âmbito.

Nesse sentido, vale ressaltar que existem várias correntes do cooperativismo, porém vamos tratar especificamente daquela que é um instrumento que nega a ordem liberal e coloca-se como fundamento para a construção de fontes alternativas ao capitalismo. (OLIVEIRA e DELGADO, 2011) A partir disso, Oliveira e Delgado discorrem o seguinte:

“A essa última variante, aproxima-se o chamado cooperativismo popular, regido pelos princípios fundamentais da cooperação, pela prática da autogestão e pela busca da composição de alianças estratégicas contra a exploração capitalista e a exclusão social, articulados a movimentos de luta pelo exercício fundamental da cidadania. Essa perspectiva analítica alerta para a luta contra os fundamentos liberais “ricardianos”, sobretudo o que defende a tese das vantagens competitivas como forma de organização mundial do trabalho.

Esse cooperativismo é estruturado sob organizações cooperativas que se definam com o que se pode chamar de “sindoperativas”, ou seja, aquelas organizações cooperativas que, ao mesmo tempo, agem como cooperativa e sindicato; portanto, reverterem a tese da neutralidade política, transformando-se num instrumento de luta política e econômica que incorpora tentáculos que o transformam em uma espécie de contrapoder cooperativo (Oliveira, 1996; Alencar, 1993) e de instrumento de luta por alternativas ao capitalismo globalizado (Santos, 2002).” (OLIVEIRA, B. A. M. 2011, p. 178)

Para Santos (2002), o pensamento associativista e a prática cooperativa desenvolveram-se como saídas que se opunham ao individualismo liberal e ao socialismo centralizado, sendo que estes pensamentos e práticas podem ser entendidos enquanto teoria social e enquanto prática econômica. No caso da teoria social, o associativismo estaria na defesa de uma economia de mercado que se baseia em princípios contrários ao capitalismo, sendo eles o de cooperação e mutualidade e, também, na crítica ao Estado centralizado e na preferência por organização políticas pluralistas e federalistas que conferem a sociedade civil um papel central. Já enquanto prática econômica, o cooperativismo estaria embasado nos valores de autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade.

Delgado, Oliveira (2011), e Santos(2002) seguem na mesma linha de Singer(2000) ao defenderem que o cooperativismo popular acontece como enfrentamento ao capitalismo e constrói o histórico da economia solidária, que segundo Singer(2000) tem a seguinte definição:

A economia solidária não é a criação intelectual de alguém, embora os grandes autores socialistas denominados “utópicos” da primeira metade do século XIX (Owen, Fourier, Buchez, Proudhon etc.) tenham dado contribuições decisivas ao seu desenvolvimento. A economia solidária é uma criação em processo contínuo de trabalhadores em luta contra o capitalismo. (SINGER, 2000, p.13)

Resistência e organização

Ao se falar em resistência referimo-nos aqui a uma forma de organização que se contrapõe às tradicionais formas de organizações que seguem uma lógica dominante. Para Guerreiro Ramos (1989) existe uma hegemônica racionalidade instrumental a qual se baseia no cálculo utilitário das consequências, ou seja, as ações são norteadas e justificadas por cálculos objetivos. Se contrapondo a esta racionalidade que é dominante estaria a racionalidade substantiva que não se faz no intuito de obter resultados e por isso ela é relativa de valor (RAMOS, 1989). O modo capitalista dominante de se organizar se pauta na racionalidade instrumental, pois sua organização vai estar atrelada à obtenção de resultados calculados e na lógica do mercado.

Como evidenciado por Mizoczky; Flores e Bohm (2008) os estudiosos críticos das organizações precisam se atentar para a importância dessas organizações contra-hegemônicas, pois elas contribuem para a desnaturalização do capitalismo e suas relações que se apresentam como a forma mais avançada de se organizar. Assim os autores enfatizam pontos relacionados a esta hegemonia que não devemos encarar como fatalidades: “...gerencialismo nas empresas e governos, guerra, pobreza extrema, cortes neoliberais dos orçamentos sociais, lucros gigantescos das corporações transnacionais, crescentes desigualdades entre os países e entre grupos populacionais nos países...” (MIZOCZKY; FLORES; BOHM, 2008, p. 182). Daí a tendência do pensamento hegemônico de limitar e até mesmo excluir as inúmeras possíveis formas de organização a seu modo único de pensar e fazer através da naturalização.

A Economia solidária é, neste sentido, uma proposta contra-hegemônica, pois se pauta em princípios como os da solidariedade, autogestão, cooperação e que propõe pensar, antes de tudo, no ser humano para, a partir daí, desenvolver sua maneira de organizar. Portanto estamos falando de uma racionalidade substantiva que se contrapõe à uma hegemônica racionalidade instrumental. Ainda em Mizoczky; Flores e Bohm (2008) são citadas as fábricas recuperadas e autogeridas pelos funcionários como uma possibilidade de estudo de resistência contra-hegemônica na prática.

Se a forma hegemônica capitalista é dominante e ameaça aquilo que se opõe a ela podemos então partir de uma leitura através de Pêcheux e Althuesser de que esta se trata de uma estrutura a qual possui furos, como será explicado melhor a seguir.

Uma análise da economia solidária a partir da teoria de Pêcheux e Althusser

Para se falar da Economia Solidária enquanto furo na estrutura, é preciso que se defina de que estrutura estamos falando, para isso, nos apropriamos de alguns dos conceitos de Althusser. Esse autor defende a tese de que existem aparelhos repressivos de estado e aparelhos ideológicos de estado que possibilitam a reprodução das relações de produção do estado capitalista, que é a estrutura vigente e a ideologia dominante. Esse mesmo autor parte da definição de Marx sobre Aparelhos de Estado, que é intitulado também de Aparelho Repressivo de Estado. Assim, Althusser(1970) discorre que o Aparelho Repressivo de Estado age como estado repressor seja por força física ou qualquer outro tipo força para assegurar as condições políticas da reprodução da relações de produção que acontecem também como relações de exploração. Além disso, também existem os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), esse é plural, pois existem os seguintes AIEs: religioso, escolar, familiar, político, jurídico, sindical, da informação e cultural. Segundo Althusser:

2. Enquanto Aparelho (Repressivo) de Estado constitui um todo organizado, cujas diferentes partes centralizam-se abaixo de uma unidade de comando - a da política da luta de classes aplicada pelos representantes políticos das classes dominantes que detêm o poder estatal -, os Aparelhos Ideológicos de Estado são múltiplos, distintos, "relativamente autônomos" e capazes de proporcionar um campo objetivo para as contradições, que expressam, sob formas limitadas ou extremadas, os efeitos dos choques entre a luta de classes capitalista e a luta de classes proletária, bem como suas formas subordinadas.

3. Enquanto a unidade do Aparelho (Repressivo) de Estado é garantida por sua organização, unificada e centralizada sob a liderança dos representantes das classes ocupantes do poder, que executam a política da luta de classes das classes que estão no poder, a unidade dos diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado é garantida, em geral sob formas contraditórias, pela ideologia dominante, a ideologia da classe dominante.(ALTHUSSER, 1970 apud ZIZEK, 1996, p.118)

Neste sentido, a fim de sustentar esta estrutura, os aparelhos ideológicos de estado, os quais segundo Althusser (1970) se diferenciam do Aparelho repressivo, sendo que uma das justificativas dessa diferença, em síntese, segue na linha que o primeiro funcionaria maciça e predominantemente pela ideologia, enquanto o segundo funcionaria maciça e predominantemente pela repressão, mas isso não exclui que haja repressão e ideologia em ambos. Porém segundo Althusser(1970) é por meio dos AIEs que as classes exploradas encontram meios e oportunidades para lutarem contra a estrutura vigente

Apesar da existência dessa estrutura sustentada pelos Aparelhos Ideológicos do estado estes não representam a realização da Ideologia em geral, como ressaltou Pêcheux

quando se referiu à *Zeitgeist*, tão pouco estes aparelhos irão promover uma realização sem conflitos da ideologia da classe dominante (PÊCHEUX, 1970, apud ZIZEK, 1996). Neste sentido, ainda em Pecheux, admite-se a expressão “reprodução/transformação” das relações de trabalho já que os aparelhos Ideológicos de Estado, por meio do qual se exerce a dominação, servem também como campo da contínua luta de classes (PÊCHEUX, 1970 apud ZIZEK, 1996).

Portanto é nessa estrutura de “desigualdade - subordinação” que as classes dominadas encontram brechas para reivindicarem suas ideologias e assim exercerem as mudanças, ainda que muitas vezes pequenas em relação à dominação, mas que podem trazer novas configurações das relações de trabalho, como no caso do surgimento da Economia Solidária.

Neste sentido, como observado na tese de Oliveira (2006), a Economia Solidária no cenário atual parece ser a força anti-sistêmica que atua em confronto com a manutenção da ordem/sistema dominante. Este enfrentamento atualmente porém, não se trata apenas da classe operária com os donos do capital, mas se compõe de “... grupos multifacetados que carregam consigo formulações ou pensamentos sobre como se deve estruturar a sociedade, o estado e o mercado” (OLIVEIRA, 2006, p.23).

Percebemos então o que poderia ser considerado como um ponto nodal defendido por Laclau e Mouffe (1987), pois se trata de um ponto discursivo capaz de aglutinar diversas demandas, onde vários grupos se unem a um objetivo comum que se caracterizaria aqui, de uma maneira geral, pelo pensamento anti-liberalista, contra a precarização do trabalho, a exclusão social e a pobreza como evidenciado em Oliveira (2006).

Ainda segundo a tese de Oliveira (2006), essa oposição entre o grupo da ordem/sistema dominante e outro grupo chamado de anti-sistêmico pode ser representada de um lado pelo Fórum Econômico Mundial, que busca os avanços do desenvolvimento liberal, e do outro lado pelo Fórum Social Mundial se contrapondo ao primeiro e é neste último que nós encontramos a Economia Solidária.

Alguns casos de resistência contra-hegemônica

Após esta visão mais ampla da Economia Solidária enquanto furo na estrutura, concentremo-nos agora em casos de resistências mais pontuais e em níveis menores, mas que somados possuem relevante importância enquanto forma de resistência à hegemonia. Como por exemplo, o movimento de apropriação de organizações falidas pelos próprios funcionários e a partir daí a criação de empreendimentos com base na autogestão e princípios solidários. Segundo Singer (2008) já no século XIX após uma crise de conjuntura, várias minas de carvão falidas foram compradas por cooperativas de consumo dos trabalhadores fabris, que passaram a operá-las.

Também no Brasil a partir dos anos 80, devido a crise da dívida externa, este movimento se repetiu em algumas grandes empresas, como por exemplo, o caso da fábrica de fogões Wallig, a qual foi arrendada pelos ex-empregados que a transformaram numa cooperativa; ou ainda o caso da mina de carvão em Criciúma onde

os mineiros ameaçaram a explodir a mina com todos dentro caso ela fosse fechada, após este episódio ela foi transformada numa cooperativa que ajudou outros empreendimentos na mesma situação de crise a se transformarem em cooperativas (SINGER, 2008)

Além destes casos de apropriação pelos funcionários, temos também aqueles empreendimentos que já nasceram embasados nos princípios solidários, como é o caso da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de São João del Rei – ASCAS que tem atuado como uma forma de resistência a uma racionalidade hegemônica dominante, ainda que não seja tão explícita e formal como o Fórum Social Mundial, mas que resiste aos princípios dominantes, como o da hierarquia/verticalização, do lucro como o principal fim das atividades administrativas e da competição excessiva que gera marginalização. Através de Oliveira et. al (2009) que relataram o trabalho feito por alunos e professores com foco na criação da ASCAS, percebemos seu surgimento a partir de uma preocupação com os princípios da economia solidária:

Mais do que uma opção ideológica relacionada à cooperação entre esses atores, a economia solidária é um fenômeno que só poderá resultar da ação de muitos atores, pessoas, grupos e organizações [...] Por mais avanços que se tenha conquistado, existe ainda a necessidade de articular as diferentes formas e setores da economia popular e solidária, do nível local ao global [...] Alcançar tais resultados visa não só à obtenção de uma economia solidária forte, consolidada, com novas práticas de organização para o trabalho, mas também a outras práticas de relações entre pessoas, e destas com seu ambiente, diferentes daquelas produzidas pelo modo capitalista de organização social (OLIVEIRA, et. al, p.8, 2009).

Além destas preocupações Oliveira et. al (2009), a partir de uma abordagem psicológica, também levantaram questões relacionadas ao fortalecimento das relações grupais, as quais podem ter sido uma forma de resistência por irem de encontro à forma individualista de se trabalhar que os associados estavam acostumados antes do surgimento da associação:

Dentre os desafios, ressalta-se principalmente a conjugação dos elementos grupais e os desdobramentos do processo de construção dos vínculos nesse segmento de trabalhadores, que antes realizavam suas funções isoladamente. O vínculo grupal tem demonstrado relativa fragilidade, o que torna o grupo mais vulnerável a relações de poder mal trabalhadas e a certo enrijecimento no que se refere à aprendizagem de modos relacionais, uma vez que os papéis se tornam centralizados e a comunicação permeada por fantasias não elaboradas(OLIVEIRA, et. al, p.9, 2009).

Alguns anos após este trabalho pôde ser observado através de Oliveira, F. A. O. & Oliveira, B. A. M. (2015), que a ASCAS, apesar das contradições, ainda atua como forma de resistência à uma hegemonia quando os associados demonstraram estar ali por se sentirem identificados com o trabalho na Associação pelo fato de “não ter chefe”; ou com a cooperação e abertura (contrária a exclusão) presentes no ambiente associativo o qual foi por diversas vezes comparado a uma família; bem como a identificação com a estrutura baseada no principal fim que eram as pessoas. Estas identificações pareceram

ajudar o grupo a lidar com as inúmeras dificuldades encontradas ao longo dos anos (OLIVEIRA, F. A.; OLIVEIRA, B. A. M. 2015).

Outros trabalhos já entenderam também a economia solidária enquanto uma forma de se organizar que sofre resistências ao ir de encontro com uma hegemônica racionalidade, como foi o caso de Barreto e Paes de Paula (2009) que ressaltaram a importância de uma mudança de postura para a construção de um empreendimento ao mesmo tempo em que evidenciam esta mudança como uma dificuldade:

A questão da participação, da autogestão, do desenvolvimento de laços interpessoais e da superação de um modo de produção, somente se torna possível a partir do momento em que os cooperados têm consciência de que estão inseridos em uma proposta diferente da predominante. Para isso, é necessário exercitar ações e pensamentos que da mesma forma são negligenciados na atuação no sistema capitalista, como a solidariedade e o interesse pelo bem comum. (BARRETO; PAES DE PAULA, 2009, p. 212).

Tais dificuldades reforçam a ideia de que existe uma ideologia capitalista dominante, segundo Pêcheux uma ideologia dominante é “[...] resultado de conjunto, forma histórica concreta resultante das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social dada, o ‘todo complexo com dominante’ das formações ideológicas que nela funcionam” (PÊCHEUX, 1995 p.151).

A ideologia capitalista, a partir das ideias de Pêcheux apoiadas nas de Althusser, está sendo constantemente reproduzida/transformada através dos Aparelhos Repressivo e Ideológicos do Estado e portanto, reproduz/transforma as relações de produção. Neste sentido, entender a economia solidária significa compreender que ela se trata, em maior ou menor grau, de uma luta de classes contrária à ideologia dominante e que portanto, possui resistências as quais puderam ser observadas nos exemplos. Os princípios da racionalidade substantiva destes empreendimentos tendem portanto, a serem ameaçados por uma hegemônica lógica instrumental (RAMOS, 1983).

Esta situação torna difícil a sobrevivência destes empreendimentos diante da sua ideologia substantiva, mas não os descaracterizam enquanto furo na estrutura, pois representam, ainda que com suas contradições, uma luta de ideologias contrárias a uma ideologia capitalista dominante seja através de representação no Fórum Social Mundial ou dos pequenos empreendimentos solidários que resistem e contribuem para uma lógica diferente de produção.

Considerações Finais

Assim, se assume as contradições sofridas por esses grupos ao lutarem por uma ideologia que é contrária a ideologia capitalista dominante que, como percebemos tende a dominar e ameaçar a racionalidade substantiva proposta por estes empreendimentos. Ao mesmo tempo esta contradição, por si, sofrida pela economia solidária reforça a ideia de que se trata de um movimento contra-hegemônica e que, portanto pode ser entendido como um furo na estrutura. Foi possível também observar alguns casos onde

a economia solidária se manifesta contrária ao capitalismo além de autores que defendem a ideia da economia solidária como uma luta contra a ideologia dominante.

Sobre os limites desta pesquisa, vale ressaltar que para inferir que a mesma se apresenta em sua totalidade com essa proposta é necessário uma análise mais profunda sobre as práticas da economia solidária e as repressões que ela sofre dos Aparelho Repressivo de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado. Além disso é preciso que se faça uma reflexão com mais afinco sobre o tema, a fim de abordar aspectos como o discurso que reproduz a ideologia dominante além das influências desses discursos através dos aparelhos Ideológicos de estado, como por exemplo, a religião ou a educação.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado** (Notas para uma investigação). IN: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARRETO, R. O. ; PAES P.; Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista. In: **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, nº 2, artigo 2, Rio de Janeiro, Jun. 2009.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonía y estrategia socialista. Hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: siglo XXI, 1987.

LECHAT, N. M. P.. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. In: II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, Campinas: UNICAMP, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2016

OLIVEIRA, B. A. M. **As cooperativas populares e seus desafios, limites e possibilidades: casos de cooperativas da cidade do Rio de Janeiro**. Dezembro de 2006. 175f. Tese de Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

OLIVEIRA, B. A. M. & DELGADO, N. G. **A Economia Solidária: Variantes e Alguns Suportes Constitutivos**. Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 4, n. 2, p. 173-185, dez. 2011.

OLIVEIRA, A. L.; KEMP, V. H. ; TOLEDO, I. ; SILVA, A. P. . **Por uma Psicologia Social do Trabalho**. In: XIII Colóquio Internacional De Psicossociologia e Sociologia Clínica, 2009, Belo Horizonte. XIII Colóquio Internacional De Psicossociologia e Sociologia Clínica, 2009.

OLIVEIRA, F. A. de & OLIVEIRA, B. A. M. de A identidade num contexto solidário e sua influência sobre a motivação. In: XII Congresso de Produção Científica e acadêmica - Conhecimento e Transformação, XXII Seminário de Iniciação Científica, Anais, Universidade Federal de São João del Rei, out.2015.

PECHÊUX, M. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. **O mecanismo do (des)conhecimento Ideológico**. IN: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. SANTOS, B. de S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

RAMOS, A.G. **Administração e contexto brasileiro**. Elementos de uma sociologia especial da administração .2.ed. Rio de Janeiro: FGV,1983.

ROSA FILHO, Duarte de Souza; MISOCZKY, Maria Ceci. **A regulação no contexto brasileiro: reflexões inspiradas em Guerreiro Ramos, Maurício Tragtenberg e Fernando Prestes Motta**. Encontro Nacional de Administração Pública e Governança, 1, 2004, Rio de Janeiro. Anais...Brasília: Anpad. 2004.

SINGER, P. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição**. In: SINGER, P. e SOUZA, A. R. (orgs). A economia solidária no Brasil. A autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. **Economia solidária - Entrevista Com Paul Singer**. In Estudos Avançados USP 22 (62), 2008.